

IMIGRANTES ITALIANOS E A ATIVIDADE MADEIREIRA NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA

TRANSFORMATIONS IN THE LANDSCAPE OF THE CAMPOS DE CIMA DA SERRA THROUGH THE ARRIVAL OF ITALIAN IMMIGRANTS

Andréa Pagno Pegoraro¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar as transformações nas paisagens dos Campos de Cima da Serra com a chegada dos imigrantes italianos, considerando a exploração de recursos naturais e a implementação de atividades madeireiras na região. A partir do final do século XIX, diversas serrarias começaram a surgir em Vacaria-RS e municípios vizinhos, sendo estas estabelecidas por grupos de imigrantes italianos que encontraram na atividade madeireira um modo de subsistência. Com o aumento do comércio, as serrarias passaram a ampliar seus investimentos, o que promoveu o desenvolvimento de um ciclo madeireiro na região. Grande parte da vegetação nativa foi devastada, restando atualmente poucos remanescentes do tradicional pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*). Com a intensificação dos processos industriais, a exploração da madeira constituiu um dos maiores causadores de prejuízos ambientais na região dos Campos de Cima da Serra, transformando grande parte da vegetação de matas em espaços vazios, posteriormente urbanizados. Nesse sentido, o presente trabalho busca debater as alterações nas paisagens, enfatizando os prejuízos causados ao meio ambiente através da derubada da floresta e uso indevido de recursos naturais. Como fontes de pesquisa, utilizamos registros de medições de propriedade, fontes historiográficas de relatos de imigrantes, Jornal Correio Vacariense, entre outros.

Palavras-chave: Imigrantes. Italianos. Madeireiras. Paisagens.

ABSTRACT

This work aims to approach the transformations in the landscapes of Campos de Cima da Serra with the arrival of Italian immigrants, considering the exploitation of natural resources and the implementation of logging activities in the region. From the end of the 19th century, several sawmills began to appear in Vacaria-RS and neighboring municipalities, these being established by groups of Italian immigrants who found logging a way of subsistence. With the increase in trade, sawmills began to increase their investments, which promoted the development of a timber cycle in the region. Much of the native vegetation was devastated, and there

¹ Doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestra em História pela mesma instituição (2016). Possui graduação em História (2012) e em Geografia (2021) pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), e em Pedagogia (2020) pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Atualmente é professora de Geografia nas redes municipal e estadual de ensino em Vacaria-RS.

are currently few remnants of the traditional Paraná Pine (Araucaria angustifolia) that characterizes the region. With the intensification of industrial processes, wood exploitation was one of the biggest causes of environmental damage in the Campos de Cima da Serra region, transforming much of the forest vegetation into empty spaces, later urbanized. In this sense, the present work seeks to discuss the changes in landscapes, emphasizing the damage caused to the environment through deforestation and the misuse of natural resources. As research sources we used records of property measurements, historiographical sources of immigrant reports, journal Correio Vacariense, among others.

Keywords: *Immigrants. Italians. Timber companies. Landscapes.*

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo abordar as transformações das paisagens nos Campos de Cima da Serra, tendo como referência o atual município de Vacaria-RS, a partir da chegada dos imigrantes italianos e a instalação das primeiras serrarias na região. A pesquisa apresentada tem como fontes de pesquisa as reportagens publicadas pelo Jornal Correio Vacariense entre 1981 e 1985, período em que a exploração da madeira mereceu grande destaque na economia local.

O recorte temporal permite analisar os debates acerca da extração de vegetação nativa, as tentativas de reflorestamento através de espécies exóticas e os debates do setor madeireiro em favor da mudança de leis que impediram a continuidade da derrubada. Buscamos neste estudo, analisar de que modo os colonizadores promoveram alterações nos espaços ocupados, iniciando o ciclo de exploração da madeira, atividade até então não exercida pelos antigos povoadores.

Evidenciam-se os desdobramentos resultantes do desenvolvimento da indústria madeireira e as consequentes transformações nas paisagens que se refletiram nas iniciativas dos projetos de reflorestamento com *pinus elliotti* e eucalipto. A pesquisa realizada tem como objetivo motivar novas reflexões acerca da importância dos estudos ambientais para entender as relações entre sociedade e natureza, procurando alertar sobre os impactos resultantes da exploração desenfreada de recursos naturais. Busca-se, desse modo, compreender de que modo os imigrantes italianos favoreceram a exploração da vegetação nativa através da instalação das primeiras serrarias na região dos Campos de Cima da Serra.

1 OS COLONIZADORES ITALIANOS NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA E AS MUDANÇAS NAS PAISAGENS

Quando observamos as mudanças nas paisagens durante um período de tempo razoavelmente longo, evidenciamos que as transformações refletem diferentes aspectos do contexto em que ocorrem, sejam em aspectos econômicos, políticos ou construções de pensamento. Nesse sentido, estudar as relações mantidas entre os grupos humanos e os espaços ambientais ocupados torna possível compreender os processos que permitiram o desenvolvimento dos municípios que integram uma determinada região, assim como as características econômicas de cada um deles. O processo de ocupação dos Campos de Cima da Serra ocorreu a partir da presença dos tropeiros, que vagavam pelos campos recolhendo o gado solto para vendê-lo nas feiras de Sorocaba. Segundo Gerhardt:

Entende-se que a manutenção e a reprodução da vida de animais e plantas e mesmo das pessoas, gera inevitáveis mudanças no ambiente e uma degradação energética irreversível – a entropia. Assim, estudar o ambiente como um tema para a História permite, além de conservar a memória das mudanças na paisagem, formular, explicações sobre a vida humana no passado, relacionadas com a natureza, sem abandonar aspectos econômicos, políticos e culturais (2009, p. 31).

Conforme ressaltado pelo pesquisador, o estudo das transformações das paisagens fornece ao historiador subsídios para analisar as estratégias de adaptação e sobrevivência dos grupos humanos em diferentes ambientes. As paisagens não são apenas parte integrante das interações nos espaços físicos, mas também simbólicos, representando crenças, valores e costumes. Podemos perceber que as sociedades se integram aos ambientes, formulando conceitos que são integrados a sua própria identidade, criando uma relação de pertencimento e desenvolvendo um imaginário acerca da paisagem. Por vezes, essas construções de imagens ajudam a formular uma ideia de pertencimento. Suertegaray e Fujimoto (2004), destacam que para a grande maioria das pessoas o Rio Grande do Sul se apresenta através de duas unidades de paisagem, sendo estas as paisagens agrícolas do norte e a pastoril do sul. Sabemos que esta seria uma percepção bastante reducionista, desconsiderando as diversidades regionais.

Para Carlin (2019, p. 31): “estudar as transformações das paisagens a partir da História Ambiental, propicia uma dimensão dialógica e dialética do passado em relação ao cotidiano, problematizando e tencionando ideias que favoreceram as mudanças envolvendo homem e natureza”. No entanto, o estudo das paisagens tem muito mais a nos revelar, principalmente se considerarmos o período inicial de formação do relevo e as alterações

sofridas ao longo do tempo geológico. De acordo com Bond-Buckup (2008), entre 42 e 10 mil anos atrás, a região dos Campos de Cima da Serra apresentava um clima frio e seco, havendo a predominância de campos e, até então as formações florestais eram escassas, parecendo ilhas no fundo dos vales. No entanto, “há cerca de 4 mil anos, quando o clima começou a tornar-se mais úmido, iniciou-se um processo gradual de expansão das Matas com Araucárias, a Floresta Ombrófila Mista, que persiste até hoje” (Bond-Buckup, 2008, p. 23). Naturalmente as florestas com araucárias teriam se expandindo, sobrepondo-se aos campos, conforme nos explica Dean (1996), mas as constantes queimadas acabaram revertendo esse processo.

De acordo com Gerhardt e Zarth (2009) muito antes dos seres humanos chegarem ao continente americano, havia diversos animais habitando as terras do Rio Grande do Sul, entre eles, os constituintes da megafauna, de tamanhos expressivos. Os pesquisadores constataram que foram encontrados e analisados fósseis de animais herbívoros, sendo estes de médio a grande porte em comparação com outros animais carnívoros. Outros estudos informam também, que no atual município de Alegrete havia animais da família dos equídeos, animais pastadores que se assemelhavam ao cavalo e ao burro, o qual vivia no Pampa há cerca de 14.000 anos AP.

A presença dos colonizadores italianos na região que atualmente abrange os municípios de Vacaria, Antônio Prado, Ipê, Campestre da Serra, Bom Jesus, Monte Alegre dos Campos, entre outros, resultou em intensas mudanças nas paisagens locais. Diferentemente dos primeiros povoadores que se estabeleceram nas áreas de campos, os colonizadores italianos foram direcionados para as áreas de matas que exigiam critérios mais cuidadosos de reocupação. Tendo ingressado no Rio Grande do Sul posteriormente as primeiras levas de imigrantes que se estabeleceram no estado durante o século XIX, “Os novos colonos encontraram maiores dificuldades que os alemães, tendo em vista o tipo de relevo, a inexistência de vias de transporte e a densidade de cobertura vegetal” (Vieira, 1985, p. 132). De acordo com Vieira (1985), por volta de 1875, os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul. O autor destaca que, as primeiras colônias foram estabelecidas “em área formadora de um divisor de águas entre os rios Taquari-Antas e Caí. A área selecionada, coberta pela floresta ombrófila caducifólia e de morfologia movimentada, tem sua frente escarpada voltada para o sul nos limites da bacia sedimentar do Paraná” (Vieira, 1985, p. 132).

Conforme Vieira (1985, p. 132) “Os novos colonos encontraram maiores dificuldades que os alemães, tendo em vista o tipo de relevo, a inexistência de vias de transporte e a densidade de cobertura vegetal”. As áreas ocupadas pelos imigrantes italianos perfaziam espaços florestais de difícil

acesso, cabendo aos colonizadores encontrarem meios para o povoamento e aproveitamento dos recursos naturais. Todavia, as experiências e conhecimentos adquiridos na Europa auxiliaram nesta tarefa. Os caminhos abertos nas matas pelos colonizadores permitiram o acesso a lugares mais distantes, sendo estes caminhos ainda hoje identificáveis por suas características peculiares. A região estudada foi descrita por um viajante alemão que registrou o trecho a seguir em seu livro *A vegetação no Rio Grande do Sul*:

Destes lugares íngremes a mata virgem estende-se um pouco sobre o plano à raiz da serra, um distrito que a população denomina “costa da serra”, e que na sua parte coberta de mata às vezes tem a largura de vários quilômetros, outras vezes se acha repartido em capões destacados e campos invadidos de capoeira. O mesmo encontra-se na planície logo acima do declive, a região denominada “Cima da Serra” (Lindman, 1974, p. 187).

Através da observação de Lindman (1974) podemos ter uma ideia de como eram as paisagens dos Campos de Cima da Serra no final do século XIX, período em que o viajante esteve no estado do Rio Grande do Sul. O autor descreve a presença de serrarias pelo caminho, mas evidencia a grandiosidade das matas naturais: “No interior, na mata completamente fechada, estão as velhas araucárias tão densamente quanto possível, isto é, as suas copas se tocam; mas como tanto a sua altura como a sua largura são colossais, o interior desta mata é menos denso e mais claro do que o da mata virgem comum” (Lindman, 1974, p. 222).

As diferenças entre os primeiros povoadores e os colonizadores italianos em suas interações com os espaços ambientais podem ser observadas principalmente através das peculiaridades das áreas ocupadas. “Os açorianos rapidamente se tornaram fazendeiros e comerciantes urbanos, penetrando e sendo absorvidos no contexto da civilização dos macroespaços. Os colonos alemães e italianos seguiram os pressupostos da atividade agrícola da Europa, baseada na pequena propriedade e em difíceis condições de sobrevivência (Vieira, 1985, p. 129)”. No entanto, os colonizadores desenvolveram outro importante sistema econômico na região: o extrativismo, que resultou na derrubada de grandes áreas florestais de vegetação nativa.

A retirada de madeira se iniciou com o aproveitamento da mesma para construção de casas e móveis, assim como abertura de espaços para agricultura, mas intensificou-se como atividade econômica através do desenvolvimento de um mercado consumidor. Os colonizadores italianos encontraram nas áreas em que receberam suas colônias as condições ideais

para desenvolver atividades conhecidas e praticadas pelas famílias na Europa, entre as quais estava o ofício de marceneiro. A madeira retirada pelos colonizadores era comercializada em municípios próximos, o que permitiu que se tornasse um investimento rentável, ampliando suas vendas posteriormente para outras localidades, assim:

Ocupando as áreas de matas e tendo como base a pequena propriedade agrícola, os colonos alemães (a partir de 1824) e italianos (a partir de 1875) favoreceram o desenvolvimento do comércio, através da exportação de seus excedentes para outras regiões do Estado e para o centro do país (ocasionalmente, também para o exterior). O capital acumulado com a atividade comercial, ao lado de incrementar o crescimento urbano, foi o embrião de um setor secundário que ainda hoje se concentra na zona da capital e região “colonial” circunvizinha (Costa, 1982, p. 60).

Conforme evidenciado pelo autor, os colonizadores promoveram o desenvolvimento do comércio, favorecendo a ampliação da oferta dos produtos produzidos nas localidades em que se estabeleceram. A chegada dos colonizadores à região onde atualmente está localizado o município de Vacaria ocorreu a partir de migrantes das colônias vizinhas, principalmente Antônio Prado, Campestre e Ipê. As famílias que haviam instalado serrarias nessas localidades buscaram ampliar os seus negócios em Vacaria, estabelecendo novas sedes madeireiras. As oportunidades conferidas aos imigrantes italianos quanto ao aproveitamento dos recursos naturais estiveram relacionadas sobretudo à política de instalação desses imigrantes em áreas florestais. Vieira (1985, p. 132), evidencia que:

A imigração italiana, subindo o planalto nos seus primeiros estágios, caracterizou uma dinâmica de colonização tipicamente florestal. A interiorização para o norte a colocou em contato com os campos de Vacaria, estabelecendo as primeiras trocas comerciais com a antiga sociedade luso-brasileira dos campos do planalto do nordeste. Aos colonos italianos foram adotados os mesmos critérios de distribuição de terras. Predominou a divisão das áreas em pequenas propriedades, não totalmente gratuitas, com menores dimensões em relação aos lotes destinados aos alemães.

A presença de imigrantes italianos em áreas florestais proporcionou ao colonizador oportunidades de aproveitamento dos recursos encontrados, todavia, foram as práticas comerciais que impulsionaram sua explora-

ção. Conforme citado pelo autor, os italianos que se estabeleceram em Vacaria iniciaram o processo de trocas comerciais com os grupos que habitavam as áreas de campos, os quais até então não viam a vegetação florestal como fonte de riquezas. Os colonizadores em busca de madeira para abastecer as serrarias passaram a comprar dos fazendeiros as árvores em pé a fim de serem derrubadas e convertidas em madeira para comercialização.

2 AS SERRARIAS E A DERRUBADA DE MATA NATIVA

A colonização italiana no Rio Grande do Sul, embora muito lembrada pelo cultivo da uva, deixou profundas marcas de exploração das vegetações nativas nas regiões onde se estabeleceram. No espaço atualmente ocupado pelos municípios de Vacaria e arredores, a exploração da *Araucaria angustifolia* foi um dos principais investimentos dos imigrantes, que perceberam a qualidade da madeira e sua durabilidade. De acordo com registros memorialistas a madeira servia de matéria-prima para a fabricação de diversos produtos e construções de casas:

Realizavam venda de aduelas para fabricação de barris, os quais eram utilizados para armazenamento de vinho e vinagre; construção de caixões; oficina de móveis; esquadrias e caixas. A maioria da madeira utilizada na época era Cedro e Araucária. Vendia-se madeira para as mais diversas finalidades, principalmente para a construção de casas. Na época havia dois sistemas para a construção de casas, um com encaixe e outro com mata-juntas. (Damiani; Damiani, 2012, p. 716).

Como destacado pelo autor a madeira da araucária era utilizada para a fabricação de barris, recipientes que serviam para armazenamento do vinho e do vinagre, além de ser matéria-prima para construção de caixões. O autor ressalta que a família Damiani possuía um sistema especializado na fabricação de tábuas com encaixe para construção de casas e que muitas construções atualmente tombadas como patrimônio cultural de Antônio Prado foram fabricadas pela serraria da família.

As casas, portanto, refletem não apenas as heranças culturais dos imigrantes italianos, mas a perspicácia no aproveitamento dos melhores recursos naturais disponíveis naquele momento, assim como a qualidade da madeira utilizada. Para o colonizador, assim como para os grupos sociais do início do século XX, as florestas representavam obstáculos a serem enfrentados pelos desbravadores em busca de progresso e desenvolvimento, sendo, por vezes, um trabalho árduo onde os riscos eram inevitáveis, seja

pela grandiosidade das matas e árvores a serem derrubadas, como pela presença de animais, além de ser necessário enfrentar a resistência dos grupos nativos. Escritos memorialistas evidenciam que o trabalho nas serrarias era uma tarefa que exigia esforços, mas não deixou de favorecer a retirada de expressivo contingente de araucárias:

Derrubar o pinheiro no mato, arrastar com mulas ou junta de bois e, transportar, no início de carreta e, depois nos primeiros caminhões reboques, anos da década de 20, do século passado, quando chegaram os primeiros caminhões reboques Internacional Harweter e enfileirar as toras no estaleiro, frente às Serraria, o que permitia a rolagem de uma tora por vez para o carrinho e, presa pelos ganchos era movimentado o carrinho para frente e assim a tora era serrada pela serra-fita em diversas tábuas. Um pinheiro de 200 anos mais ou menos, que não estivesse com o cerne podre, dava em média 4 toras de 5,50 metros (a tábua devia ter 5,50 metros de comprimento. Era medida internacional e exigida pelo comércio e pelo Instituto Nacional do Pinho (Letti, 2012, p. 697).

O relato evidencia que muitos pinheiros centenários foram derrubados para a fabricação de tábuas, sendo exigência do Instituto Nacional do Pinho que a mesma medisse 5,50 metros de comprimento, o que promovia a busca por árvores de grande porte, consequentemente, mais antigas. Outro fator a ser destacado se refere a chegada dos primeiros caminhões e o modo como os mesmos impulsionaram o processo de retirada da madeira, facilitando seu transporte. A Figura 1 mostra a serraria de Antonio Zanotto e companhia.

Figura 1: A colonização italiana em Vacaria

A Colonização Italiana em Vacaria

ANTONIO ZANOTTO & COMP.

90 contos de reis são investidos in questo stabilimento il quale gode larghissimo credito e dà lavoro permanente a 10 persone. Del soci: Antonio Zanotto e figlio di zenitori vicentini, grandi ed onesti lavato-

tabelecimento no qual goza de larguissimo credito e da trabalho permanente a 10 pessoas. Dos socios: Antonio Zanotto e filho de pais vicentinos, grandes e honestos trabalhadores; Francisco Marcantonio, nasceu na Prussia e Camilo Marcantonio que aqui chegaram juntos no ano de 1875. Foi um dos primeiros habitantes de Caxias do Sul. O terceiro socio Giovanni Pelin, nasceu em Belluno, Italia. Tres industriais ativos e estimados. (Do livro da Colonização Italiana do Rio Grande do Sul. O autor e desconhecido)

La segheria a vapore della Ditta Antonio Zanotto & C. nel 1° Distretto di Vacaria.

La segheria a vapore della Ditta Antonio Zanotto & C. nel 1° Distretto di Vacaria.

La segheria a vapore della Ditta Antonio Zanotto & C. nel 1° Distretto di Vacaria.

HULLE II

COMPLETO SERVIZIO DE VIANDAS, PRATOS NATURAIS E VEGETARIANOS. UMA COTA EXTRA DE VITAMINAS E SAIS MINERAIS.

ORIENTADOS P/NUTRICIONISTA LECI D'OLIVEIRA Rua Santos Dumont, 277 (fundo) VACARIA-RS

Fonte: (Correio Vacariense – 22 de julho de 1988, p. 09)

Na foto podemos observar o funcionamento da serraria com seus operários, a matéria exalta a presença do colonizador, destacando seu mérito para o desenvolvimento local associado a instalação da indústria madeireira, considerando-os como “grandes e honestos trabalhadores”. O texto relaciona os imigrantes a trabalhadores dedicados, conferindo a estes status e prestígio social associados a sua origem, que deixa transparecer a ideia de trabalho e progresso. Desse modo, aos imigrantes italianos foi destinada a honra de desbravadores das florestas, responsáveis por desenvolver uma atividade econômica que passou a merecer destaque, movimentando a economia local. Observa-se que as atividades madeireiras no Rio Grande do Sul haviam iniciado com a colonização alemã, conforme podemos evidenciar pelos estudos do pesquisador Marcos Gerhardt (2009), referentes a Colônia Ijuhy:

Depois de derrubada parte do mato, Lange construiu uma serraria (1908) movida a vapor, prestando um serviço essencial naquele contexto; com a instalação de outros imigrantes no local, construiu-se uma escola (1908) e um salão de baile; 8) José Lange comprou outras áreas próximas, que dividiu e vendeu na forma de lotes urbanos depois de abrir algumas ruas; a edificação de uma igreja de madeira (1916) no local e a delimitação da praça também foram patrocinadas por ele; assim, 9) uma nova vila foi intencionalmente criada (Gerhardt, 2009, p. 104).

O autor evidencia que a presença das serrarias promoveu a ocupação dos espaços próximos, favorecendo o desenvolvimento da localidade através da construção de igrejas, escolas, salões de festa, entre outros estabelecimentos. Desse modo, formavam-se pequenas comunidades, que aos poucos foram ganhando visibilidade diante do cenário regional, destacando-se pelo estabelecimento de uma atividade econômica até então não explorada pelos grupos sociais que habitavam o estado. Os relatos memorialistas evidenciam com destaque a presença de serrarias e o modo como estas funcionavam na localidade dos Campos de Cima da Serra:

Na fazenda do Guacho, o coronel Samuelzinho Guazzelli Filho, teve duas serrarias para o abate do pinheiro de sua fazenda e de vizinhos. Em verdade, as serrarias não eram de propriedade do coronel Samuelzinho Guazzelli Filho e, sim de madeireiros, que montaram a serraria e como era de costume da região, serravam os pinheiros meio a meio, isto é, o lucro era repartido, metade para o madeireiro e metade para o dono da terra, isto é, o dono dos pinheiros. Uma na chamada “zona do campo”, na encruzilhada da estrada que vai ao terceiro distrito de São Manoel, até a ponte do Passo do Korff, no rio das Antas, com a BR-116. Essa foi gerenciada e administrada pelo tradicional madeireiro Armando Giacomet. Diga-se que mais tarde, Plácido Damiani, terminou de serrar os pinheiros da fazenda do Guacho. Com o tempo, os pinheiros cresceram e atingiram o diâmetro permitido pelo então Instituto Nacional do Pinho para o abate, e assim havia já uma mata de pinheiros que foram ficando prontos e maduros para o abate. Foram esses pinheiros que o Sr. Plácido Damiani, com a serraria na margem da estrada, à direita quem vai de Ipê a Vacaria na “Entrada” ou na zona do “Quilombo” como também é conhecida, serrou, cortando, derrubando e transportando até a serraria famosa (Letti, 2012, p. 702).

O autor explica que muitos proprietários passaram a permitir que madeireiros instalassem serrarias para a derrubada de pinheiros em suas terras, sendo o lucro dividido entre ambos. A exploração da madeira na referida fazenda do Guacho resultou na perda de muitos remanescentes de pinheirais, sendo esta área explorada ao máximo. De acordo com o relato foi necessário aguardar que as árvores crescessem e atingissem o diâmetro permitido pelo Instituto Nacional do Pinho para o abate, o que impediu o proprietário de montar sua serraria. Diante do exposto pelo autor, observa-se que as áreas florestais foram exploradas até o esgotamento de seus recursos, restando poucos exemplares de pinheiros na região.

3 REFLORESTAMENTO COM ÁRVORE COM ÁRVORES EXÓTICAS

Considerando a perda de vegetação nativa, a solução encontrada pelos madeireiros foi a introdução do *pinus elliotti*, iniciativa muito valorizada e apreciada pela imprensa local que produziu reportagens enfatizando a sua lucratividade. Entre os benefícios apontados estariam a qualidade da madeira, associada ao rápido crescimento e desenvolvimento para o abate. De modo que, “Hoje, além das pequenas reservas, resta o reflorestamento, feito com espécies exóticas (eucalipto, pinus) e que nada restaura do ambiente ecológico original” (Costa, 1982, p. 55).

Em uma publicação do jornal Correio Vacariense de 1990 encontramos a indicação de reflorestamento em áreas de campos com vegetação nativa. Segundo descrição a alternativa visava propiciar a criação de gado juntamente com o pinus. A Figura 2 mostra uma área reflorestada com pinus e a presença de rebanhos em seu interior.

Figura 2: Reflorestamento associado à criação de gado



Fonte: Correio Vacariense (1990)

A reportagem descreve os métodos adequados para plantio, cuidados com os espaços de pastagens e rebanhos, além de orientar sobre a poda. O autor afirma ainda que, com o tempo, o pinus deveria se converter em vegetação nativa devido a rapidez com que se propaga. De acordo com a análise descrita “outro detalhe importante é que no local onde é realizado o reflorestamento não é possível fazer a queimada e com isso os campos têm que ser divididos em determinadas épocas do ano e colocar uma maior concentração de gado para poder baixar o pasto”. O autor ressalta que “ao contrário do que se pensa, a pastagem no reflorestamento é de excelente qualidade”

As reportagens buscam incentivar o reflorestamento através do Pinus, não havendo críticas quanto a perda da vegetação nativa, que segundo apresentado seria gradualmente substituída pela vegetação exótica. De acordo com o texto o “Sr. Adão Adames, presidente do Grupo Itacolomi, comprova que o projeto de reflorestamento é altamente lucrativo e compatível com a criação de gado, e considerado o reflorestamento um dos melhores investimentos a longo prazo, em termos de lucratividade”.

Os discursos apontam ainda que o reflorestamento se converteria em importante fonte de renda, auxiliando a “fixar o homem do campo no seu próprio meio”. Nesse sentido, precisamos considerar ainda que “Os dados do próprio IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) atestam que, para 31.000 ha de árvores cortadas anualmente no Estado, apenas 17.000 ha são reflorestadas. Com o incremento do consumo de lenha e carvão vegetal, o problema tende a aumentar” (Costa, 1982, p. 56). Conforme evidenciado por Costa (1982), no Rio Grande do Sul o corte de árvores ocorria de modo indiscriminado, sendo a grande parcela proveniente de árvores nativas e não oriundas de áreas de reflorestamento com exóticas. Em entrevista publicada em 19 de julho de 1991 o prefeito de Vacaria foi questionado quanto a colaboração da prefeitura com madeireiros ou entidades ecológicas, respondendo da seguinte maneira:

Nós estamos colaborando neste sentido e podemos dizer, inclusive, que nós estamos com o nosso viveiro, onde produzimos 400 mil mudas por ano e que praticamente este Pinus Ilióttis e Eucaliptos estão sendo repassados justamente para o reflorestamento dos proprietários de terra do nosso município. E sempre estaremos a favor do reflorestamento, porque, como tu disseste no início, é um meio de fonte de emprego e de mão-de-obra e para que o homem do campo permaneça no seu habitat (Correio Vacariense, 19 de jul. de 1991).

Conforme podemos evidenciar, as iniciativas de reflorestamento estiveram diretamente relacionadas com a preocupação de atender aos interesses dos madeireiros locais. O texto mostra que havia predominantemente o incentivo para o plantio de mudas de *Pinus* e eucaliptos, consideradas favoráveis economicamente. Estudos atuais mostram que “No que se refere à vegetação de origem antrópica, há densos talhões de pinus (*Pinus* sp), raros plantios de araucária, e também agricultura, podendo-se destacar aqui o cultivo da batata, milho e soja” (Rolim, 2016, p. 07).

As preocupações ambientais não foram evidenciadas como pautas de discussão das reportagens publicadas pelo jornal *Correio Vacariense* no período analisado, a não ser por um viés secundário, em que se apresentou a perda da vegetação nativa como consequência do desenvolvimento econômico. Desse modo, as áreas de matas originárias foram diminuindo a tal ponto que quase desapareceram por completo em algumas localidades. Costa (1982, p. 56), salienta que:

Atualmente são muito escassas as áreas do Estado em que ainda se encontra essa mata. Embora considerada por alguns autores como uma vegetação “fóssil”, vestígio de um clima frio que ocorreu no Planalto Meridional, as maiores evidências mostram que, não fosse a ação devastadora do homem, a mata dos pinhais acabaria por se sobrepor às áreas campestres, cuja origem é indubitavelmente anterior.

A exploração humana causou grande impacto ambiental promovendo as transformações das paisagens de matas nativas em áreas de cultivos de espécies exóticas, comprometendo a preservação da biodiversidade local. O processo de extração de madeira resultou na perda de extensas áreas de pinhais que, conforme apontado por Costa (1982) possuíam a tendência natural de se sobrepor aos espaços de campos, embora com origem secundária. Todavia, seu desenvolvimento foi interrompido pela ação humana que ao promover o abate não planejou adequadamente iniciativas para uso sustentável da madeira e sistemas de replantio ordenado de espécies nativas retiradas da natureza. Sobre a importância dos estudos das transformações das paisagens para a área ambiental, devemos considerar que:

As motivações econômicas do processo de ocupação e desmatamento são de extrema importância para entendermos as transformações da paisagem, a natureza é influenciada conforme o modo de sobrevivência de cada grupo ou indivíduo. As modificações na paisagem modificam a cultura e as visões em relação à natureza (Rossi; Nodari, 2012, p. 119).

Conforme apontado pelas autoras, as modificações nas paisagens são resultantes dos processos econômicos que definem o modo de sobrevivência de cada grupo. Nesse sentido, compreender as razões que impulsionaram o desmatamento, aliado ao modelo de ocupação do espaço configuram temas fundamentais para análise das transformações das paisagens. As pesquisadoras evidenciam ainda as mudanças culturais e sobre as concepções com relação à natureza que ocorreram juntamente com as alterações dos espaços ambientais. Ou seja, ao alterar os espaços em razão de suas práticas econômicas ou modos de subsistência as sociedades impulsionam o desenvolvimento de novas culturas que surgem através dessas novas paisagens.

As reportagens publicadas pelo jornal Correio Vacariense do início do século XX possuem enfoque nas possibilidades de aproveitamento dos recursos com ênfase ao desenvolvimento de novas estratégias para favorecer as atividades integradas à extração de madeira e manutenção de rebanhos. Sobre as possibilidades de cultivo do *Pinus* associado à criação de gado as estimativas eram de que: “As gramíneas se desenvolvem bem no reflorestamento de *pinus elliotti*, garantindo assim a possibilidade de se possuir um bom número de animais, de raça ou cruza, os quais adaptam-se bem ao ambiente, desde que mantenha-se um manejo adequado do rebanho, com a necessária distribuição do gado de pasto” (Correio Vacariense, 1990).

Em entrevista realizada no dia 13 de julho, no município de Bom Jesus, com o assessor jurídico do Sindicato dos Madeireiros do Estado do Rio Grande do Sul, o mesmo foi questionado sobre seu posicionamento quanto ao código florestal. Segundo seu relato podemos perceber que as considerações foram sempre favoráveis às iniciativas madeireiras e havia o entendimento das florestas enquanto recursos renováveis:

O verdadeiro ecologista é aquele que valoriza o meio em que vive, porque sem ele não pode viver e nós temos a consciência de que a floresta é um recurso natural renovável e como tal deve ser tratado, sensível a sua repercussão social. Nós não podemos ter aquela contemplação, ou seja, meramente uma ação contemplativa de uma árvore (Correio Vacariense, 26 de jul. de 1991).

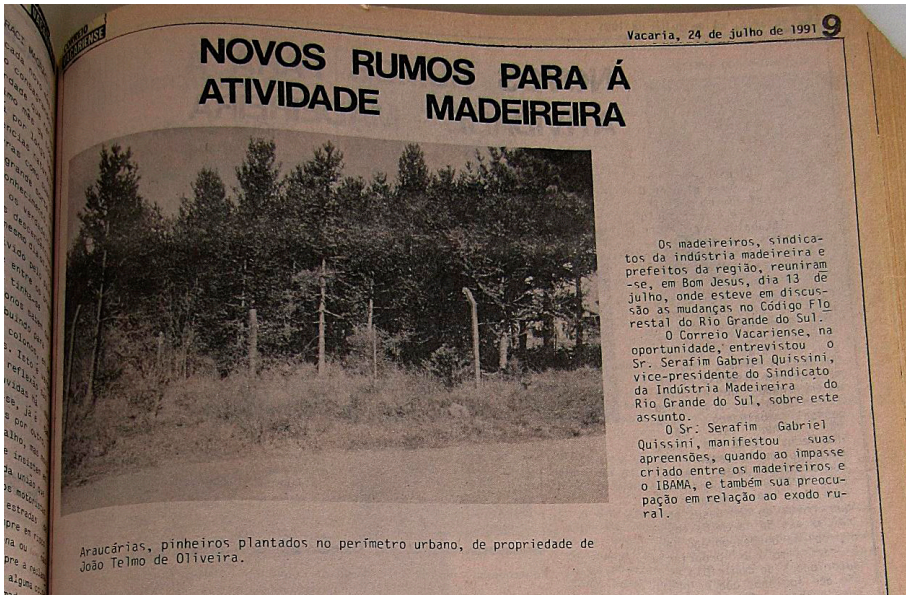
Ao abordar o papel do ecologista, o entrevistado evidencia a relação entre o cuidado com os recursos disponíveis no ambiente como fonte de subsistência onde a natureza representa o espaço a ser explorado em favor das sociedades humanas. O autor considera que a natureza, nesse caso as árvores, não pode ser apreendida apenas como um espaço de contemplação.

A percepção do espaço natural como fonte para desenvolvimento econômico era recorrente no período, sendo evidenciada em diferentes narrativas. Havia inclusive uma constante preocupação com a legalização do corte da araucária, que, segundo a imprensa local, estaria causando prejuízos ao setor madeireiro, conforme podemos verificar na publicação do jornal *Correio Vacariense* de 24 de julho de 1991:

O IBAMA autoriza somente o corte de 3 a 10 pinheiros araucária ou 20 folhosas, porém isto não resolve o problema das indústrias, que estão trabalhando somente com as exóticas. A situação está muito difícil e por isso nós estamos fazendo estas reuniões em todos os municípios, principalmente da nossa região para tentarmos apoio dos nossos madeireiros, prefeitos e autoridades, a fim de elaborarmos logo este Código e assim podermos trabalhar tranquilamente, que é o nosso desejo, pois hoje as indústrias madeireiras estão trabalhando exclusivamente para não fechar suas portas.

A reportagem referida mostra que a preocupação recorrente se concentrava na manutenção das atividades madeireiras e o receio de que houvesse um impacto econômico através do fechamento das empresas e dispensa dos funcionários. Conforme a descrição jornalística, a exploração de árvores exóticas não era considerada suficiente para garantir o funcionamento das madeireiras que temiam ter de fechar as suas portas. Diante da precariedade com que operava o setor, a alternativa pretendida para restabelecer o equilíbrio seria decorrente de mudanças na legislação e liberação para retirada de árvores nativas, especialmente a araucária angustifolia. A Figura 4 destaca a foto de uma área urbana com plantio de araucária.

Figura 4: Novos Rumos para a Atividade Madeireira



Fonte: Correio Vacariense, 24 jul. de 1991

A foto nos mostra exemplares de araucárias plantados na propriedade de João Telmo de Oliveira. Segundo as análises realizadas pelo setor madeireiro, o funcionamento das indústrias exclusivamente com espécies exóticas tornava a produção inviável, desestabilizando a produção. Observa-se em diversas narrativas a insistência na retomada da exploração da araucária, sendo esta a principal espécie almejada pelos madeireiros para tornar o seu investimento lucrativo. Entre as justificativas para exploração da mata nativa na região de Vacaria, aparece o desinteresse pelo reflorestamento quando não existe a viabilidade de corte das árvores. Assim, as questões ambientais acabavam sempre atreladas ao interesse econômico e ainda que se buscasse reflorestar, as razões nunca estavam ligadas unicamente à preservação das espécies ou do espaço ambiental. Havia sempre um viés de exploração a nortear as iniciativas de plantio de árvores durante o período analisado, conforme podemos evidenciar pelo texto extraído da mesma reportagem citada anteriormente:

A nível de exótica, está muito longe de chegarmos a compensar o funcionamento das indústrias. Aqueles que ainda tem araucárias ou folhosas precisam fazer alguma coisa para podermos continuar trabalhando. Claro que somos preservacionistas também, queremos trabalhar, queremos que essa atividade nossa de madeireiro continue por mui-

to tempo, queremos reflorestar o estado do Rio Grande do Sul. Nós precisamos reflorestar o estado, mas para que isso seja possível é necessário e é muito importante que possamos cortar, possamos trabalhar, pois aqueles que não podem cortar e trabalhar, não tem interesse em plantar. Nós queremos plantar. O estado está com déficit muito grande e é necessário que se trabalhe, que se corte árvores, mas que se replante e que se plante árvores exóticas, para continuarmos trabalhando (Correio Vacariense 24 de jul. de 1991).

Evidenciamos o apelo para que seja retomada a exploração da araucária através da justificativa de que o setor madeireiro estaria sendo gravemente afetado pela falta de recursos adequados para seu funcionamento. A narrativa mostra que o sentido de preservação e replantio esteve diretamente associado à necessidade de possuir novos recursos a serem explorados. Embora o depoimento tenha partido de membros da indústria madeireira, as falas eram recorrentes entre os debates abordados pelo setor administrativo e enfatizados pela mídia local. Nesse sentido, “A transformação ocasionada pelo desmatamento é difícil de quantificar, já que não podemos medir ao certo qual a área original da Floresta de Araucária” (Rossi; Nodari, 1985, p. 130). Os debates acerca dos prejuízos causados pela exploração desenfreada das florestas nativas eram reservados a uma pequena parcela da população que, por vezes, não merecia a devida visibilidade. Quanto a produção de madeira no estado Costa (1982, p. 56), ressalta que:

O maior produtor de madeira do Rio Grande do Sul é o município de Bom Jesus; acredita-se que disponha de 40 a 50% das reservas florestais gaúchas. Nos últimos 15 anos, suas serrarias diminuíram de cerca de 100 para 23. Até a araucária, árvore típica das matas do planalto, está em vias de ser extinta (Costa, 1982, p. 56).

O município de Bom Jesus, integrante dos Campos de Cima da Serra, foi apontado por Costa (1982) como o maior produtor de madeira do Rio Grande do Sul, evidenciando a grande quantidade de serrarias que se estabeleceram na região. O autor ressalta a exploração das matas de araucária e que as mesmas estariam correndo risco de extinção. Atualmente, embora exista a proibição do corte da araucária, frequentemente são noticiados casos de crimes ambientais envolvendo a derrubada de árvores na região. Nesse contexto, o espaço geográfico passa a ser entendido como o resultado da ação humana sobre a natureza, segundo Costa (1982, p. 58):

No atual estágio do pensamento geográfico, o “espaço” é visto como produto do trabalho humano sobre a natureza. É na relação homem-meio, portanto, que se desenvolvem os processos de transformação responsáveis por uma determinada “geografia”. Essa geografia, contudo, não resulta somente das relações sociedade-natureza, porquanto depende sobretudo do tipo de organização social na qual se insere, quer dizer, das relações que os homens mantêm ao longo da história (Costa, 1982, p. 58).

Segundo evidenciado por Costa (1982) os processos de interação entre o ser humano e a natureza provocam alterações nas paisagens, sendo esta dinâmica resultante do processo de desenvolvimento de organizações sociais. As atividades econômicas refletem diretamente os impactos das sociedades industrializadas ao meio ambiente, alterando a composição das paisagens e por vezes, promovendo um processo de reterritorialização das áreas afetadas.

Uma publicação de 1987 expressa a indignação dos moradores ao presenciarem a derrubada de inúmeros exemplares de pinheiros no caminho entre Vacaria e Bom Jesus, atual BR 285. A remoção foi feita em virtude do asfaltamento da via. A madeira retirada, segundo consta na notícia publicada, foi enviada para São Francisco de Paula, onde seria utilizada na reforma das moradias dos funcionários do DAER, sendo este o autor do pedido de derrubada. Em um pequeno recorte no espaço físico do jornal aparece o relato de quando os pinheiros haviam sido plantados:

Pelos idos de 30, talvez 35 o não menos saudoso Fioravante Soldatelli, na sua humilde fé e vontade de ajudar a natureza, plantava a beira do então caminho Vacaria a Bom Jesus, pinhões que catados em suas horas de folga, serviriam quando transformados fossem em frondosas sombras [...] homens com umas máquinas chamadas motosserras cortaram seus pinheiros e nem sequer são seus herdeiros e nem sequer do céu lhes destes procuração para cortá-los. Mas hoje, final de 1987, quarenta e tantos anos após plantados seus pinhões, homens e máquinas transformados em armas mortais contra a natureza, sem sua autorização estão cortando sua plantação (Correio Vacariense, 1987).

Em 1987, o jornal traz uma matéria publicada por Cilon Silveira em que relata a perda dos pinheiros plantados por Fioravante Soldatelli, no então caminho que ligava Vacaria a Bom Jesus. O texto mostra que a introdução do uso da motosserra facilitou a derrubada, causando grande indig-

nação dos moradores, que viram as árvores plantadas com tanto cuidado serem ligeiramente tombadas e levadas para servirem como madeira em outro município.

O texto evidencia que embora houvesse a intenção de preservar os espaços naturais e a vegetação nativa, os esforços, por vezes, não eram suficientes para garantir o resultado almejado. A busca pelo progresso e o desenvolvimento econômico foram alguns dos principais fatores que impulsionaram a exploração da madeira nos Campos de Cima Serra, sendo a extração iniciada com a chegada dos imigrantes italianos. No entanto, as maiores agressões ao espaço ambiental aconteceram quando a atividade madeireira se tornou um dos principais pilares econômicos da região. Nesse contexto, as derrubadas e instalação de madeiras passaram a ocorrer em diversas propriedades e não apenas nas áreas de colonização italiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar as transformações das paisagens nos Campos de Cima da Serra a partir da chegada dos imigrantes italianos e a instalação das primeiras serrarias na região. Analisou-se ainda os desdobramentos resultantes do desenvolvimento da indústria madeireira e as iniciativas dos projetos de reflorestamento com *pinus elliotti* e Eucalipto, buscando compreender de que modo a chegada dos imigrantes italianos favoreceu a exploração das matas de araucárias na região.

Através dos estudos realizados foi possível evidenciar que os conhecimentos trazidos pelos colonizadores favoreceram o desenvolvimento do ofício madeireiro, tornando viável a criação de diversas serrarias nos Campos de Cima da Serra. A exploração madeireira levou à perda de grandes espaços florestais, estando a *Araucaria angustifolia* entre as espécies mais afetadas. Em Vacaria os madeireiros que se estabeleceram compravam as árvores de grandes proprietários para serem retiradas e transportadas até as serrarias onde eram transformadas em tábuas para comercialização.

O reflorestamento com espécies exóticas resultou em graves prejuízos ambientais, no entanto, as reportagens divulgadas, assim como os depoimentos dos madeireiros que a cultivavam traziam ótimas referências para seu plantio. Os espaços florestais eram percebidos como áreas de extração de madeira, onde a necessidade de reflorestamento perfazia a condição para continuidade das atividades madeireiras.

REFERÊNCIAS

- CORREIO VACARIENSE. *Reflorestamento associado a criação de gado*. Vacaria, 1990, edição 786, 20 abril 1990. Acervo da Biblioteca Municipal.
- CORREIO VACARIENSE. *A colonização italiana em Vacaria*. Vacaria, 22 jul. 1988, p.09. Acervo da Biblioteca Municipal.
- CORREIO VACARIENSE. Dr. Luis Moraes Varela posiciona-se sobre o Código Florestal. Vacaria, 26 jul. 1991. Acervo da Biblioteca Municipal.
- CORREIO VACARIENSE. Novos rumos para a atividade madeireira. Vacaria, 24 jul. 1991. Acervo da Biblioteca Municipal.
- CORREIO VACARIENSE. *A derrubada das araucárias*. Vacaria, 1987. Acervo da Biblioteca Municipal.
- CORREIO VACARIENSE. *Manhart fala sobre o Código Florestal*. Vacaria, 19 jul. 1991. Acervo da Biblioteca Municipal.
- COSTA, Rogério Haesbaert da. *Espaço e sociedade no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- DAMIANI, Hermes; DAMIANI, Márcio. *Serraria Damiani*. In: FONSECA, Justina Lêda Rigon; CECATTO, Rita Maria da Fonseca; BARROSO, Véra Lucia Maciel. *Raízes de Ipê*. Porto Alegre: EVANGRAF, 2012.
- GERHARDT, Marcos. *História Ambiental da Colônia Ijuhy*. Unijuí, 2009.
- LETTI, Nério Mondadori. *Tropeirismo*. In: FONSECA, Justina Lêda Rigon; CECATTO, Rita Maria da Fonseca; BARROSO, Véra Lucia Maciel. *Raízes de Ipê*. Porto Alegre: EVANGRAF, 2012.
- LINDMAN, Carl Axel Magnus. *A vegetação no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.
- ROLIM, Rosângela Gonçalves. *Flora da bacia do rio Pelotas: uso e conservação de espécies*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.
- VIEIRA, Euripedes Falcão. *Rio Grande do Sul: geografia da população*. Porto Alegre: Sagra, 1985.
- ROSSI, Esther Mayara Zamboni; NODARI, Eunice Sueli. *Campos de Altitude no Rio Grande do Sul: migrações, indústria madeireira e meio ambiente*. Anais do 2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações. Florianópolis: Labimha, 2012.

Recebido em: 27/05/25

Aceito em: 24/12/25